

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 4 • N.º 7 • MARÇO 95

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *O Regresso do Mito no Diálogo entre E. Cassirer e M. Heidegger*

JOÃO MARIA ANDRÉ - *Da mística renascentista à racionalidade científica pós moderna. (A propósito da articulação entre ciência, filosofia e misticismo em Nicolau de Cusa)*

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO - *Ler Tomás de Aquino, hoje*

ANTÓNIO PEDRO PITA - *Presença, representação e sentimento. Configuração da experiência estética segundo Mikel Dufrenne*

Colóquio: A filosofia no ensino secundário: O novo programa 12.º Ano

JOSÉ ENES - *Leitura Integral. Porquê? Como?*

ALFREDO REIS - *12.º Ano: Leitura Integral do texto filosófico. Porquê? Como? Comentário.*

Piet Schenkelaars, membro de uma ONG (Amigos da Terra, Bruxelas), aborda algumas questões relativas ao impacto da biotecnologia no ambiente e na qualidade dos alimentos (221-230). Mais uma vez se salienta a dificuldade em levar a cabo estudos sérios sobre a avaliação de riscos reais neste tipo de empreendimentos. A partir das recomendações da OCDE em 1986 começou a produzir-se legislação em vários países europeus sobre o uso da engenharia genética. Um dos problemas apontados neste artigo à prática corrente em vários países deriva do facto de as comissões encarregadas de dar parecer e formar o processo de decisão neste campo estarem dominadas por especialistas oriundos da biologia molecular (227). No caso da alimentação, Piet Schenkelaars chama a atenção para o papel determinante de multinacionais como a Unilever não só no controlo dos mercados como também na própria formação e manipulação da opinião dos consumidores. O caso mais típico é o das margarinas com alto teor de gorduras poli-insaturadas. Há alguns anos atrás o consumidor era bombardeado com a mensagem de que tais margarinas eram boas para o coração. O slogan foi banido por falta de dados científicos sólidos que o pudessem confirmar. Porém as campanhas da Unilever continuam a promover as vendas pretendendo convencer o consumidor que o produto “ajuda a baixar o nível de colesterol” (229). De igual modo, as análises de risco do uso da hormona de crescimento dos bovinos apresentam algumas falhas consideráveis. Alguns investigadores vão mesmo ao ponto de afirmar que os grandes laboratórios produtores da BGH (Monsanto, Eli Lilly, Upjohn, Dow Chemicals) manipularam os dados relativos à segurança do leite e saúde dos animais. O próprio FDA (Food and Drug Administration) não escapa à crítica de estar mais interessado numa ligação estreita com a indústria química e alimentar do que preocupado com a real protecção dos consumidores. Tudo isto conduz a uma situação em que não há investigação verdadeiramente independente já que os departamentos universitários estão largamente dependentes de subsídios da indústria (230).

Estamos perante um conjunto de textos que apelam para uma maior consciencialização dos problemas ligados à prática da investigação e desenvolvimento tecnológico em que a biotecnologia funciona como caso paradigmático. A maior parte dos autores aconselha uma atitude positiva que, sem negar o contributo indispensável da ciência e da técnica, as deve reconduzir à sua verdadeira dimensão antropológica. Uma das formas mais eficazes de contribuir para tal desiderato seria através de uma participação activa cada vez mais empenhada nos processos de decisão política.

António Manuel Martins

PAIS, José Machado: *Sousa Martins e suas memórias sociais. Sociologia de uma crença popular*. Lisboa: Gradiva, 1994; 259 pp.

Como o próprio sub-título o indica, estamos em presença de um estudo sociológico do conjunto de crenças e práticas rituais associadas à memória de Sousa Martins. Embora se trate de um fenómeno bem delimitado quanto aos locais de culto e quanto à população abrangida por esta crença, não se lhe pode negar importância no contexto da sociedade portuguesa.

Procurando evitar esquemas interpretativos demasiado rígidos, J. M. Pais usa as técnicas de investigação social com alguma cautela para se permitir ser surpreendido pela complexidade do seu objecto de estudo. O seu trabalho está estruturado em três partes que procuram responder, sucessivamente, às seguintes questões: “Como surge a crença” (I - pp 25-97); “como se propaga a crença” (II - pp 101-186); “Como se explica a crença” (III - pp 189- 219). Destas, a primeira parte tem mais interesse pela informação biográfica

sobre a figura de Sousa Martins. Na segunda parte encontramos o núcleo da investigação sociológica do autor. Trabalho que nos permite ficar a conhecer melhor os vários tipos de crentes e suas peregrinações aos dois lugares chave do culto: a estátua de Lisboa e Alhandra. Ficamos igualmente a perceber um pouco melhor o papel fulcral dos avieiros neste tipo de religiosidade com contornos de marginalidade social. Menos convincente nos parece a última parte. Isto não retira em nada o interesse de muitas das hipóteses avançadas por José Machado Pais neste texto.

Em suma, podemos dizer que estamos perante um livro bem escrito, de leitura agradável e com abundante informação e matéria de reflexão sobre uma dimensão importante da nossa realidade social.

A. M. M.